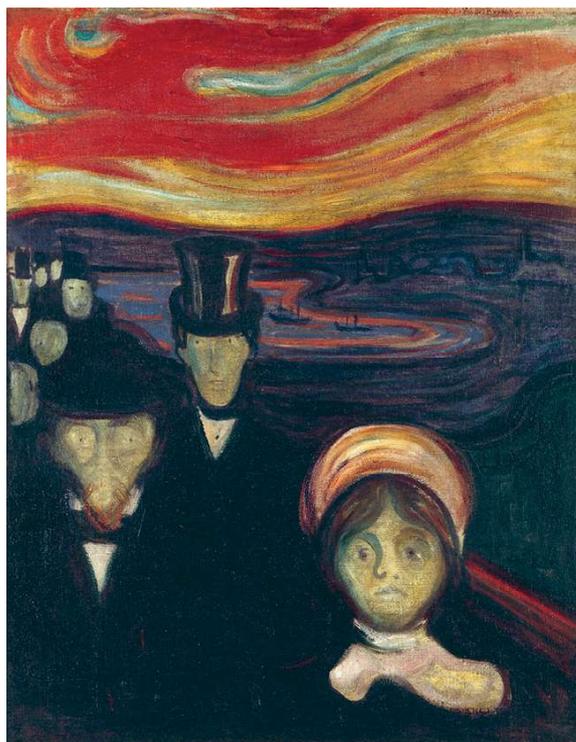


NO PRINCÍPIO, ERA A ANGÚSTIA

*Jamile Cesar*⁴⁸

Como de costume, a capa da terceira edição da revista *Nó\$* não foi uma decisão aleatória e meramente estética. A escolha pela obra *Angst*, do pintor Norueguês Edvard Munch (1863-1944), foi, na realidade, bastante significativa, pois foi diante deste quadro que comecei a me indagar se ansiedade e angústia são mesmo entidades distintas?



49

48 Praticante de psicanálise, mestre e doutoranda em psicologia do desenvolvimento e Psicologia Cultural Semiótica.

49 *Angst*, Edvard Munch, 1894. Óleo sobre tela, 94 cm x 74 cm. Museu Munch, Oslo

Para responder a esta questão, se é que isto é mesmo possível, penso que a melhor maneira de começar é recorrendo a uma análise etimológica, pois ela nos conta um pouco da história esquecida por trás das palavras e nos ajuda a entender os significados ocultos que elas carregam, além de nos permitir entender como algumas vezes as traduções podem ser escolhas arbitrárias.

Na língua portuguesa a palavra *ansiedade* se origina do Latim *anxietas* ou mais precisamente *anxius*, e quer dizer angustiado (MI-CHAELIS, 2024). Essa palavra guarda íntima relação com outro verbo latino; *angere*, que significa estreitar, oprimir. A título de curiosidade, o verbo em questão compõe a mesma raiz da palavra *angina*, nome dado a dor que é descrita como aperto no peito, regularmente sentida por pessoas com insuficiência cardíaca e/ou em processo de infarto. Isso fará algum sentido mais a frente, prometo.

O latim é apenas um dos muitos braços linguísticos do extinto proto-indoeuropeu, uma língua hipotética que deve ter ocorrido por volta do ano 3500 Antes da Era Comum, no lugar onde hoje está situado o continente europeu (VIOLATTI, 2014; JASANOFF & COWGILL, 2024) e à qual é atribuída a raiz *angh* que se derivou tanto em sua versão latina *angere*, quanto na norueguesa *angst*, língua materna do pintor Munch.

Isto posto, temos com mais clareza que, pelo menos no que se refere a obra de Munch, a tradução mais correta não seria *ansiedade*, como ocorre normalmente, mas sim *angústia*. Uma confusão, que segundo Prideaux (2008) se deu por causa das constantes traduções que eram feitas e refeitas do norueguês para o francês, o inglês e o alemão.



50

Outro ponto interessante acerca da obra *Angst*, é que muitos críticos e estudiosos à relacionam a famosa *O Grito* (1893), como se ambas fossem diferentes perspectivas de uma mesma situação, como destacado por HARRIS (2004).

Pintada um ano depois, a *Ansiedade* retrata a mesma paisagem, estilo e cores. Os mesmos dois navios são mostrados em perspectiva, sugerindo que as figuras estão mais abaixo na mesma ponte. Uma multidão que avança de pessoas vestidas de preto substitui a figura que grita [...] *Ansiedade* é uma composição dessa pintura e de *O Grito*, mas agora Munch encurta a perspectiva do observador, abaixando o ponto de vista de modo que o observador fique frente a frente com a multidão (p.16)

50 *O Grito*. Edvard Munch, 1893. Óleo sobre tela, 94 cm x 74 cm. Museu Munch, Oslo

Ou seja, se em *O Grito* vemos a angústia como expectadores, através do olhar do Outro, em *Angst*, fazemos um giro e experimentamos a angústia a partir de nós mesmos. Por isso, penso ser interessante trazer aqui o que o próprio Munch disse acerca de *O Grito*;

Eu estava andando por uma estrada com dois amigos – o sol estava se pondo – de repente o céu ficou vermelho como sangue e eu senti uma onda de Tristeza. Eu parei, sentindo-me morto de cansaço – havia sangue e línguas de fogo acima do fiorde azul-preto da cidade. Meus amigos continuaram caminhando, e eu fiquei ali atrás tremendo de *angústia* – e senti um grito infinito atravessar a natureza (Munchmuseet, 2024. Tradução e Grifo nossos).

Destaco aqui o uso do termo “angústia”, para enfatizar que não se trata apenas de uma especulação imaginativa de críticos e historiadores, mas sim de um elemento central na produção do pintor que, caso estivesse querendo falar de algo mais superficial e passageiro, talvez tivesse feito uso do termo norueguês “*Bekymring*”, que apesar de não poder ser traduzido exatamente como “ansiedade”, tem um sentido mais próximo, como temor ou preocupação mais passageira e cotidiana.

No entanto, deixando as questões com o emprego das palavras de lado, penso ser interessante também destacar que, Munch foi reconhecidamente influenciado pelo pensamento de kierkegaardiano, (DYRERUD, 2001; TOJNER, 2001) que entre outras coisas ocupava-se fortemente de conceituar a angústia. Para Kierkegaard, a angústia é a escolha diante das infinitas possibilidades. Somos angustiados “porque o EU é uma síntese de finito que delimita e de infinito que ilimita” (KIERKEGAARD,

1988, p. 208). Ou seja, o nosso corpo, matéria finita, delimita o espírito.

Em alguma medida, isso me faz lembrar um pouco Freud, em seu *Mal-Estar na Civilização* (1930-1936) ao elencar as três fontes de sofrimento humano e apontar que uma delas é a “fragilidade do corpo” (p. 29). É verdade que não era sobre a angústia que ele falava, mas está implicada aí alguma coisa em torno do limite e, quem sabe até do real.

Outro autor que também buscou falar sobre a angústia, e de alguma maneira também bordejou o real e o limite, foi Lacan. Não adentrarei profundamente nesta discussão, mas gostaria de destacar que em um determinado momento de seu *Seminário 10, A Angústia*, ele concorda com Kierkegaard sobre a mulher ser mais angustiada que o homem.

A angústia do homem liga-se à possibilidade do não poder. [...] A angústia também existe na mulher. Kierkegaard [...] diz até que a mulher está mais exposta à angústia que o homem. Devemos acreditar nisso? Na verdade, o que nos importa é apreender a ligação da mulher com as possibilidades infinitas, ou melhor, indeterminadas do desejo, no campo que se estende ao redor dela. (p.209)

Não sei sobre as demais mulheres, pois não posso falar em nome de todas — aliás, não é contra isso que nos rebelamos? Sobre todos os discursos que falam sobre nós? — Quanto a mim fica claro que, neste caso, vale dar alguma atenção, pois o que Lacan aponta é para a posição feminina não toda limitada a lógica fálica. Ou seja, que tende ao infinito. Há algo de interessante nisso.

Mas retomando a obra de Munch, a partir do seu exemplo podemos deduzir que não faltam confusões nas traduções. Por isso, muitas vezes, vemos os analistas que se preocupam com a transmissão, ocupados de esmiuçar os meandros franco/germânicos, a fim de manter-se fiel à sua significação. Ainda assim, apesar de todos os esforços, em alguma medida as confusões acontecem. Afinal, “A linguagem é uma fonte de mal-entendidos” já dizia a raposa de *O pequeno príncipe*.

Sem ter a intenção de fazer uma classificação sistemática dos mal-entendidos ou muito menos sua ontologia, há que se admitir que assim como a etimologia das palavras pode nos ajudar a compreender um pouco mais seu emprego atual, o mesmo pode ser dito sobre a origem de alguns mal-entendidos. E se alguns deles surgem de uma desambiguação lexical mal-conduzida, outros, aparentemente não. Ou seja, pelo menos no que se refere a alguns campos como a psicanálise e a psicologia, o que temos atualmente entre angústia e ansiedade não é o mero caso de uma frase que se modifica, mas sim de um sentido que se confunde a partir de uma des fusão.

Ora, como assim? Explico.

No que concerne ao campo das psicologias, enquanto o campo que abrange todas as disciplinas que têm como objeto a psiquê, podemos localizar o esforço de uso da palavra ansiedade como algo diferente da angústia para nomear possivelmente a mesma coisa, nos manuais diagnósticos. Em especial no DSM II. Foi ele o primeiro a diferenciar angústia e ansiedade, definindo esta última como uma “neurose”;

Caracterizada por uma preocupação ansiosa excessiva que pode levar ao pânico e frequentemente está associada a sintomas somáticos. Ao contrário da neurose fóbica (vide adiante), a ansiedade pode ocorrer em qualquer circunstância e *não está restrita a situações ou objetos específicos*. Esse transtorno deve ser distinguido da apreensão ou medo normais, que ocorrem em situações realistas e perigosas. (DSM III, pag 39, grifo nosso)

É interessante ressaltar o caráter inespecífico da ansiedade descrita pelo DSM II. Mais à frente explicarei a razão dessa ênfase. Mas, continuando a busca pela compreensão da ansiedade enquanto uma entidade separada da angústia a partir dos manuais diagnósticos, vemos que no DSM II as chamadas “desordens de ansiedade” já aparecem em uma categoria mais elaborada, e que no DSM IV a coisa fica mais complexa e abstrata, se transformando em “transtorno de ansiedade” e abarcando uma série de outras patologias como; fobia social, fobias específicas, como a fobia a animais, por exemplo, stress pós-traumático e outros.

Ora, aqui retomo o grifo na citação do DSM II, que descreve a ansiedade, para aproximá-lo da definição de angústia proposta por Lacan ao longo do seu seminário 10, ao afirmar, entre outras coisas, que a angústia “não é sem objeto” (p. 175), que ela é um afeto que se apresenta na presença de alguma coisa que tampona a falta constitutiva do sujeito. Ou seja, o que o DSM II descreve como ansiedade ainda é muito semelhante a angústia, pois trata-se do que arrisco chamar de uma confusão que nasce de uma defusão. Em outras palavras, no início tudo estava fundido e havia apenas a angústia, mas o esforço para dividi-la em outras categorias criou a ansiedade e, conse-

quentemente, o transtorno de ansiedade, categoria ainda mais abrangente.

Por isso, assim como na cosmogonia judaico-cristã “no princípio, era o verbo” João 1:1, na cosmogonia psicanalítica, no princípio, era a angústia.

Por outro lado, apesar de, em grande medida, colaborar para a disseminação da ansiedade — com todos os sentidos que esta afirmação possa carregar — seria leviano acusar o DSM de ser o único responsável por essa confusão. Ela já acontecia, pelo menos há algum tempo, entre filósofos e médicos da Grécia antiga (Croq, 2015). Daí, possivelmente as confusões nas traduções destes termos.

Nesse sentido, ao me propor a discutir brevemente essa confusão, me vi diante de um dilema do tipo ‘quem veio primeiro? O ovo ou a galinha?’. E mesmo tendo o interesse de finalizar este ensaio com um veredicto favorável ao meu entendimento inicial de que, no início, havia apenas a angústia e que a introdução da ansiedade nesse enredo foi apenas uma confusão desnecessária, criada com intenções escusas, tive que recuar perante minha moral científica, mesmo aqui em terreno psicanalítico, que não é científico e nem tem a intenção de ser. O engraçado é que isto ocorreu diante dos resultados de um pequeno inquérito informal — e não necessariamente científico — que conduzi através dos grupos de WhatsApp, onde, por unanimidade, a ansiedade foi definida como algo diferente da angústia.

Por fim, lembrei-me da máxima que diz que a língua é uma entidade viva, que não recua diante de afãs puristas e conservadores, se transformando e produzindo novas maneiras de dizer coisas que, até então, não eram ditas. E assim como a “saudade” é uma palavra muito nossa que não encontra tradu-

ção direta em outras línguas, temos agora a ansiedade, que até pode ter seu equivalente no inglês *anxiety*, mas que somente na intimidade de cada um, à sua maneira, pode encontrar uma via de ser dita.

REFERÊNCIAS:

ANSIEDADE. Em: **MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=vKKM>. Acesso em: 26 ago. 2024.

CROCQ M-A. A history of anxiety: from Hippocrates to DSM. **Dialogues Clin Neurosci**. 2015 Sep;17(3): 319–25

DYRERUD, T. A. (2001). “Nordic Angst”: Søren Kierkegaard and The Concept of Anxiety in Norway. **Kierkegaard Studies Yearbook**, 2001. doi:10.1515/9783110244038.364

HARRIS, J. C. (2004). Anxiety (Angst). **Archives of General Psychiatry**, 61(1), 15. doi:10.1001/archpsyc.61.1.15

JASANOFF, J. H. and COWGILL, . WARREN (2024, June 18). *Indo-European languages*. **Encyclopedia Britannica**. <https://www.britannica.com/topic/Indo-European-languages>

TOJNER, P. E. **Munch. In His Own Words**, Prestel Verlag, Munich, London, New York 2001, p. 182.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de Angústia**. Lisboa: Hemus editora, 1968.